

Arte indígena

Hildegard Feist

Formada em Letras pela Universidade de São Paulo, é professora de português, francês e espanhol. Escritora e tradutora, cursou Sociologia de Comunicações na American University em Washington, DC. EUA.

SUPLEMENTO DIDÁTICO

Elaborado por

Eliana Pougy

Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP, professora universitária e assessora da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, é autora de livros didáticos e paradidáticos de Arte. Foi professora de Arte na rede particular de ensino fundamental.

Professor

Neste suplemento você encontrará uma sugestão de projeto pedagógico para desenvolver com alunos do 5º ao 9º anos do Ensino Fundamental. O projeto tem como base o conteúdo do livro estudado. Fica a seu critério aproveitar as atividades para outros projetos, adaptando-as ao perfil de sua turma.

A Editora

POR QUE TRABALHAR COM A COLEÇÃO ARTISTAS ANÔNIMOS?

Esta coleção se distingue por discutir os temas propostos por meio da análise da produção artística de culturas do nosso ou de outros tempos que não valorizam a autoria ou que não deixaram registros sobre a autoria de suas obras de arte.

Não valorizar a autoria pode parecer estranho para nós, frutos de uma civilização que criou o direito autoral e a notoriedade do artista. Entretanto, existiram e ainda existem culturas em que o artista é visto como mais um integrante de uma prática coletiva e comum, geralmente ligada à religião e à vida cotidiana.

Em geral, uma cultura que não valoriza a autoria é uma cultura tradicional, cuja produção artística segue regras estéticas e padrões formais rígidos que passam de geração a geração e que podem durar séculos ou milênios. Nesse sentido, a individualidade e a marca pessoal do artista não são importantes nem são adequadas a essa produção.

Por isso, ao ler os livros da coleção *Artistas Anônimos*, o aluno é levado a refletir sobre os diversos significados que a arte, os artistas e as obras de arte podem ter. Além disso, é levado a compreender que esses significados se relacionam ao contexto cultural, social e econômico em que o artista está inserido.

No livro *Arte indígena*, os textos e as imagens estão concatenados de modo que o leitor conheça mais profundamente o significado que as diferentes etnias indígenas brasileiras dão às artes, ampliando seu repertório cultural de forma significativa. Como sabemos, a ampliação do repertório cultural dos estudantes é o maior objetivo do ensino de Arte. É ela que permite a abertura para o *outro* e para o *diferente*, ressignificando-os e incorporando-os à sua cultura.

SUGESTÃO DE PROJETO

PEDAGÓGICO PARA TURMAS DE

5º A 9º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL: CERÂMICAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

OBJETIVOS

- Fruir objetos culturais por meio da interação com esses objetos e da criação de sentido para eles, para sair do senso comum e dos estereótipos até chegar a uma elaboração do pensamento artístico.
- Pesquisar e saber organizar informações sobre a arte em contato com documentos, reconhecendo e

compreendendo a variedade dos objetos culturais e das concepções estéticas presentes na memória das diferentes culturas.

- Participar ativamente de visitas a espaços de produção e manifestação cultural.
- Elaborar registro sobre a sua participação em espaços de produção e manifestação cultural.
- Criar objetos culturais a partir da ludicidade, da imaginação cultivada, do pensamento artístico e da consciência de valores estéticos, culturais e éticos.
- Produzir objetos culturais selecionando linguagens, tecnologias e técnicas adequadas a diferentes situações expressivas e contextos culturais.
- Expor objetos culturais preocupando-se com o acesso e com a interação com o público.

CONTEÚDOS GERAIS (COM REFERÊNCIA NOS PCN'S DE ARTE)

- Diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções, reproduções e suas histórias.
- A arte na sociedade, considerando os produtores de arte, as produções e suas formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos.
- Criação e construção de formas plásticas em espaço bidimensional.
- Convivência com produções visuais (em originais e reproduzidas) e suas concepções estéticas nas variadas culturas (regional, nacional e internacional).

CONTEÚDO ESPECÍFICO

- História da arte indígena brasileira

Tema transversal: Pluralidade cultural.

Trabalho interdisciplinar: História, Geografia e Língua Portuguesa.

ATIVIDADES PARA ANTES DA LEITURA

CONVERSA INICIAL

Antes da leitura, converse com seus alunos sobre o principal assunto do livro: a importância de se conhecer a história da arte indígena brasileira.

Você pode começar os trabalhos promovendo um **estudo do meio** em alguma comunidade indígena que exista na sua cidade ou nas proximidades para promover uma contextualização sócio-histórica. O principal objetivo de um estudo do meio é demonstrar aos alunos a estreita relação que existe entre aquilo que se aprende na escola e o que ocorre fora dela.

Essa atividade pode ser interdisciplinar, feita em conjunto com os professores de História, Geografia e Língua Portuguesa.

Lembre-se de que é recomendável que vocês já tenham visitado o local e que tenham verificado se existe algum representante da comunidade indígena que fale português e que possa ser entrevistado pelos alunos. Pode-se verificar, também, se já existe algum roteiro de visita preestabelecido pela comunidade.

Além disso, é recomendável definir junto à coordenação da escola a possibilidade de se ter monitores auxiliando na visita.

SUGESTÃO DE MATERIAIS A SEREM LEVADOS NA VISITA:

- Máquina fotográfica
- Caderno
- Lápis
- Prancheta
- Boné
- Protetor solar
- Repelente
- Capa de chuva
- Sapatos confortáveis

EXEMPLO DE ROTEIRO DE ESTUDO DO MEIO

EM UMA COMUNIDADE INDÍGENA:

- Antes da visita:
Aula expositiva/dialogada
Divisão de grupos de trabalho
Elaboração de perguntas a serem feitas para os indígenas (sugerimos que cada grupo fique com um assunto: história da etnia, organização social, organização política, economia, saúde, educação, religião, alimentação, vestuário etc.)
- Durante a visita:
Sensibilização com alguma dinâmica (por exemplo: cantar uma canção que tenha a ver com o tema da visita)

Caso seja possível, explanação do conteúdo em pontos determinados da viagem

Organização e coordenação das entrevistas a serem realizadas pelos grupos (nesse caso, a ajuda dos monitores é essencial)

- Depois da visita:
Elaboração de jornal (em grupo)
Socialização do jornal

No final da atividade, lance a seguinte questão para os alunos: será que a arte produzida pelos indígenas brasileiros é igual ou diferente da arte feita por nós, não indígenas? Esse é o momento adequado para convidá-los a ler o livro *Arte indígena*.

ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

Durante a leitura, com seus alunos, organize um quadro com as diversas manifestações artísticas que aparecem no livro:

- Cerâmica:
Urna funerária ou igaçaba
Tanga ritual
Estatuetas
Vasos
Muiraquitã
Bonecos (figuras humanas e de animais)
- Instrumentos musicais:
Sopro (flauta, apito e buzina)
Percussão (chocalho, tambor, bastão de ritmo e zunidor)
- Canto
- Dança
- Máscaras
- Pintura corporal
- Arte plumária

Depois, organize a turma em grupos e peça que cada um deles escolha uma manifestação da arte indígena brasileira e pesquise sobre ela no livro e em outras fontes. Depois, peça que preparem uma pequena apresentação sobre o assunto pesquisado.

Para tanto, eles podem fazer cartazes ou utilizar o *software* PowerPoint. Podem, também, buscar vídeos que mostrem mais sobre a manifestação escolhida. Sugerimos o **Banco de objetos educacionais**, do MEC (<http://objetoseducacionais2.mec.gov.br/>). Nesse endereço, é

possível baixar vídeos muito interessantes que vão enriquecer a pesquisa de seus alunos.

Além disso, peça aos grupos que escolham uma imagem da manifestação escolhida por eles no livro *Arte indígena* e que respondam às seguintes questões:

- Descrevam o que vocês veem na obra.
- Quais são as cores usadas?
- Quais são as formas?
- Existem formas geométricas? Quais? Onde?
- E formas orgânicas?
- As obras apresentam textura? Como são essas texturas: lisas, ásperas, macias? Qual textura parece ser mais suave ao toque?
- Qual é a técnica utilizada na obra?
- Qual é o tema da obra?
- Para que serve a obra?
- De que tipo de rituais a obra participa?
- Que sensações/sentimentos essas imagens provocam em vocês?

Depois das apresentações dos alunos, enfatize que o que todas essas produções têm em comum é o fato de a identidade do artista não ser valorizada. Explique a eles que, diferentemente do modo como a nossa cultura encara a função do artista, ou seja, alguém que precisa ser único e original para ser valorizado, para a maioria das culturas indígenas brasileiras quem faz arte não busca ser original ou único. Pelo contrário, precisa manter uma tradição transmitida de geração a geração há centenas de anos e é por isso que podemos afirmar que eles seguem uma estética própria (ver boxe na página 5).

ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

É depois da leitura que você pode propor uma atividade de fazer artístico.

Como nos informa o livro *Arte indígena*, uma manifestação artística comum a todas as etnias é a **cerâmica**. Relembre a seus alunos os diferentes tipos de cerâmica mostrados no livro (urna funerária ou igaçaba, tanga ritual, estatuetas, vasos, muiraqitã e bonecos – figuras humanas e de animais). Além disso, relembre a eles os rituais dos quais esses objetos fazem ou faziam parte.

Depois, convide-os a produzir objetos de cerâmica. Eles podem ter como modelos as obras reproduzidas no livro.

Para produzir objetos de cerâmica, os alunos precisam aprender a trabalhar com argila, um material de fácil modelagem, que se solidifica sob a ação do calor. Sua com-

posição varia de acordo com os locais de onde foi extraída, pois eles determinam os elementos minerais que lhe fornecem cor, porosidade e dureza, bem como a temperatura a que pode ser submetida sem que sofra deformações.

A argila começa a endurecer assim que é retirada da embalagem plástica. Por isso, para mantê-la, é imprescindível guardá-la em sacos plásticos sem furos.

Dicas para modelar em argila:

- Antes de tudo, estique um pedaço de tecido na superfície do local em que os seus alunos vão trabalhar. O tecido absorve a umidade da argila e evita que ela fique grudada na superfície.
- Antes de começar, peça que os alunos joguem a argila várias vezes sobre a mesa de trabalho, “sovando-a”. Dessa forma, eliminarão as possíveis bolhas de ar e a peça não rachará quando estiver pronta.
- Para modelar a argila, eles podem usar as mãos ou as estecas, instrumentos de madeira ou metal usados na modelagem. Existe grande variedade de estecas, de diversas formas e tamanhos.
- Quando for preciso acrescentar um pouco de argila à figura modelada, é possível colar com barbotina, um preparado de uma parte de argila misturada com uma parte de água.
- Caso seja preciso interromper a modelagem, oriente os alunos a guardar o bloco de argila em um lugar fresco, envolvendo-o com um tecido umedecido e um plástico.
- Depois de terminadas, oriente os alunos a cobrirem as peças com sacos plásticos para que a secagem seja lenta, pelo menos nos primeiros dias, para evitar rachaduras e deformações. Com o passar dos dias, peça-lhes que abram os plásticos pouco a pouco, para permitir a circulação do ar.
- Caso você tenha acesso a um forno de cerâmica, queime as peças cruas e secas mais ou menos a 700 °C.
- Caso não tenha acesso a um forno, deixe-as secar à sombra por pelo menos 7 dias. Dessa forma, não apresentarão rachaduras.

Depois das cerâmicas prontas, organize uma exposição e convide as outras turmas da escola para apreciar as obras realizadas pela classe! Você pode acrescentar à exposição as apresentações realizadas pela turma.

Boa exposição!

AValiação

A avaliação desse trabalho pode ser feita durante todo o processo:

- Antes da leitura, por meio da participação do estudo do meio a uma comunidade indígena e por meio da elaboração do jornal.
- Durante a leitura, por meio das pesquisas, apresentações e apreciações de imagens realizadas pelos estudantes.
- Depois da leitura, por meio da produção das peças de cerâmica e por meio da participação na exposição de arte.

ESTÉTICA INDÍGENA BRASILEIRA

Para os indígenas brasileiros, a beleza é um atributo divino. Por isso, ela pode se manifestar em cada artefato, em cada gesto, em cada ritual, produzindo assim uma conexão com o mundo espiritual. Além disso, para eles, a beleza não precisa permanecer: ela serve apenas para dar sentido ao ato criativo de transformar o barro em cerâmica, as penas em arte plumária, os pigmentos em pintura corporal. Por isso, os indígenas têm um excessivo cuidado com o bom acabamento de cada peça, gesto ou ritual que produzem. Nesse sentido, toda a cultura material dos indígenas brasileiros está carregada de princípios e objetivos, de valores estéticos e sociais.

Além disso, o talento dos artistas está a serviço da manutenção da tradição do povo, da continuidade de sua identidade. Para os indígenas brasileiros, as produções artísticas materializam um determinado tipo de conhecimento e de sabedoria. Para ser artista, o indígena ou a indígena precisa conhecer:

- Os locais de origem das matérias-primas e qual a forma correta de recolhê-las e processá-las para que possam ser trabalhadas.
- As gomas colantes, tinturas e vernizes (minerais ou vegetais).
- A confecção e o uso de instrumentos utilizados na confecção das peças.
- As técnicas de manufatura dos objetos.
- Os locais e momentos favoráveis para a atividade artística que, em conjunto, contribuem para um resultado excelente.
- A origem mítica dos padrões que serão pintados ou entretecidos.
- O uso e o armazenamento dos adornos e demais artefatos.

Todos esses conhecimentos vêm sendo transmitidos oralmente de geração a geração há centenas de anos e conferem às artes indígenas uma representatividade única.

BIBLIOGRAFIA

Arte-educação

- ARGAN, G. C. *Arte moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- ARTE NO BRASIL. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (2 volumes)
- BARBOSA, A. M. *Arte-educação: conflitos/acertos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- _____. *A imagem do ensino da arte: anos oitenta e novos tempos*. São Paulo/Porto Alegre: Perspectiva/Fundação lochpe, 1981.
- _____. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- BARDI, P. M. *Arte da cerâmica no Brasil*. São Paulo. Banco Sudameris Brasil S. A., 1980.
- GOMBRICH, E. H. *Arte e ilusão*. São Paulo: Edusp, 1992.
- IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JANSON, H. W. *Iniciação à História da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LAVAQUERIE-KLEIN, Christiane; PAIX-RUSTERHOLTZ, Laurence. *Huaca. Tesouros dos povos sul-americanos*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Tradução de Jorge Constante Pereira. Lisboa: Edições 70. s/d.
- MARTINS, M. C. et alii. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo – Poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.
- PARSONS, M. J. *Compreender a arte*. Lisboa: Presença, 1992.
- ROSSI, M. H. W. A compreensão das imagens da arte. *Arte & Educação em Revista*. Porto Alegre: UFRGS/lochpe, 1: 27-35, out. 1995.
- SAGA – A grande História do Brasil (6 volumes). São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- SCHAAN, Denise Pahl. *De tesos e igaçabas, de índios e portugueses: arqueologia e história da ilha de Marajó*. www.marajoara.com/arqueologia_historia_da_ilha_marajo
- SÃO PAULO (SP). SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. DIRETORIA DE ORIENTAÇÃO TÉCNICA. *Orientações curriculares e proposição de expectativas*

de aprendizagem para o Ensino Fundamental: ciclo II: Artes. Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME/DOT, 2007.

TIRAPELI, Percival. *Arte indígena. Do pré-colonial à contemporaneidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

Dicionários

DICIONÁRIO DA PINTURA MODERNA. São Paulo: Hemus, 1981.

DICIONÁRIO OXFORD DE ARTE. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MARCONDES, Luis Fernando (org.). *Dicionário de termos artísticos*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1988.

READ, Herbert (org.). *Dicionário da arte e dos artistas*. Lisboa: Edições 70, 1989.

Enciclopédia

ENCICLOPÉDIA DOS MUSEUS. Museu de Arte de São Paulo. São Paulo: Melhoramentos, 1978.